



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

JOSICLEIDE FIDELES PEREIRA

**QUINTAIS MEDICINAIS E O SABER POPULAR: UM ESTUDO
ETNOBOTÂNICO EM QUINTAIS DA ZONA RURAL DO CAPIM DE CHEIRO
MUNICÍPIO DE REMÍGIO – PB**

CAMPINA GRANDE-PB

DEZEMBRO – 2018

JOSICLEIDE FIDELES PEREIRA

**QUINTAIS MEDICINAIS E O SABER POPULAR: UM ESTUDO
ETNOBOTÂNICO EM QUINTAIS DA ZONA RURAL DO CAPIM DE CHEIRO
MUNICÍPIO DE REMIGIO – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduação em
Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof. Dr^a. Érica Caldas Silva de Oliveira

CAMPINA GRANDE- PB

DEZEMBRO – 2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436q Pereira, Josicleide Fideles.

Quintais medicinais e o saber popular [manuscrito] : um estudo etnobotânico em quintais da zona rural do Capim de cheiro município de Remígio – PB / Josicleide Fideles Pereira. - 2018.

31 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Érica Caldas Silva de Oliveira ,
Coordenação de Curso de Biologia - CCBS."

1. Fitoterápicos. 2. Plantas medicinais. 3. Etnobotânica. 4. Saber popular. I. Título

21. ed. CDD 581.634

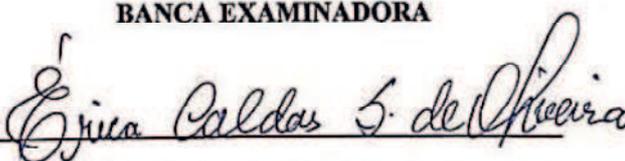
JOSICLEIDE FIDELES PEREIRA

**QUINTAIS MEDICINAIS E O SABER POPULAR: UM ESTUDO
ETNOBOTÂNICO EM QUINTAIS DA ZONA RURAL DO CAPIM DE CHEIRO
MUNICÍPIO DE REMIGIO – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduação em
Licenciatura em Ciências Biológicas.

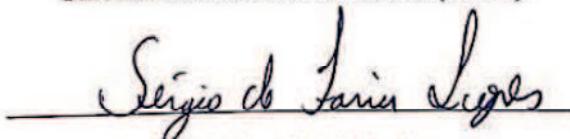
Aprovada em: 06/12/2018.

BANCA EXAMINADORA



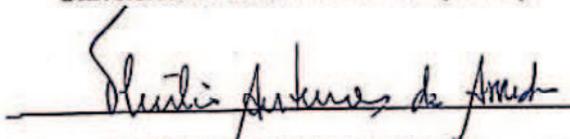
Profª Drª Érica Caldas S. de Oliveira (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profº Dr. Sérgio de Faria Lopes

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profº Dr. Thúlio Antunes Arruda

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a **Deus**, meu senhor, e redentor, pois a cada dia que passa o senhor faz surgir oportunidades em minha vida, provando o seu amor por todos nós, e mostrando que és uma fonte inacabável de poder infinito e eficaz, comprando assim a minha fé em ti, pois as minhas orações são sempre ouvidas, uma a uma, e ao seu tempo são respondidas, obrigado meu pai.

A Prof.^a Dr.^a Érica Caldas Silva de Oliveira, talvez não existam palavras suficientes e tão significativas que me permitam nesse exato momento agradecer com justiça e com o devido merecimento, mas só o que posso fazer é usar palavras para demonstrar o tamanho do meu agradecimento, por isso muito obrigada minha querida professora e orientadora, pela compreensão, ensinamentos, disposição e principalmente pelo carinho, obrigada de verdade, que Deus venha a te abençoar cada dia mais e mais.

À banca examinadora por ter aceito o convite para participar desse momento tão importante na minha caminhada, enriquecendo a mesa e a mim com seus conhecimentos, meu muito obrigada.

Ao professor José Iranildo Miranda de Melo pelo auxílio na identificação do material botânico.

À minha família, que sempre me incentivou, dando-me força, carinho e estímulo, para que eu não desistisse, meu muito obrigada, em especial a minha mãe Maria de Jesus, meu esposo Orlando e meus irmãos Francisco, Maricélio e José Cláudio obrigada por fazerem parte de minha vida e por tornar meus dias melhores.

Um agradecimento sincero a todos os meus colegas e amigos (a) que conquistei ao longo de todo curso, deixo aqui a minha gratidão a todos vocês, especialmente para minhas amigas: Cryslânia, Raissa, Rosenilda, Renata e Demmya, muito obrigada por tudo.

Aos professores e funcionários da Universidade Estadual da Paraíba, sempre receptivos e atenciosos, que Deus abençoe a cada um de vocês.

E por fim, obrigada a cada família entrevistada, que me acolheram com carinho e me ajudaram de forma bastante significativa para a construção desse trabalho.

Acredite em si próprio e chegará um dia em que os outros não terão outra escolha senão acreditar com você.

Cynthia Kersey.

RESUMO

Os quintais medicinais representam ainda um recurso bem utilizado por populações mais tradicionais, tanto na região nordeste do Brasil, quanto nas demais regiões, em que estes espaços mantêm costumeiramente várias espécies vegetais para o uso, tratamento e cura de doenças. Na perspectiva de conhecer espaços coletivos de cultivos de plantas com finalidades terapêuticas, objetivou-se realizar um levantamento das espécies medicinais cultivadas em quintais da zona rural da cidade de Remígio-PB, Brasil, visando assim a identificação das plantas utilizadas para fins medicinais, sua obtenção, formas de uso e partes da planta utilizada. Para a realização desta pesquisa foram entrevistadas 12 famílias da zona rural de Remígio, através de um questionário semiestruturado e conversas livres com os entrevistados. Oito etnoespécies foram mais evocadas pelos atores sociais entrevistados, com destaque para *Lippia alba* (Mill.) N. E. BR. (erva cidreira), *Cymbopogon citratus* (DC) Stapf. (capim santo) e *Ruta graveolens* L. (arruda). As mulheres, na comunidade estudada, são as que mais tem conhecimento sobre utilização das plantas e suas aplicações terapêuticas, são também elas que transmitem estes saberes as gerações futuras por meio da oralidade. Folhas são as partes mais utilizadas nas formulações terapêuticas, consumidas principalmente na forma de chás. Nesta comunidade, o universo feminino detém e transmite os saberes sobre o uso de plantas com fins medicamentosos, cultivadas em quintais medicinais familiares ou coletivos, constituindo-se como espaços de vivências para as pessoas do lugar.

Palavras-Chave: Fitoterápicos; Saberes da tradição; Etnobotânica.

ABSTRACT

Medicinal quintals are still a resource well used by more traditional populations, both in the northeastern region of Brazil and in other regions, where these spaces usually maintain several vegetal species for the use, treatment and cure of diseases. From the perspective of knowing collective spaces of plant cultures with therapeutic purposes, this research aimed to carry out a survey of the medicinal species cultivated in backyards of the rural area of the city of Remígio-PB, Brazil, aiming at the identification of plants used for medicinal products, their obtaining, forms of use and parts of the plant used. To carry out this research, 12 families from the rural area of Remígio were interviewed, through a semi-structured questionnaire and free conversations with the interviewees. Eight ethnoespecies were more evoked by the social actors interviewed, with emphasis on *Lippia alba* (Mill.) N. E. BR. (lemon grass), *Cymbopogon citratus* (DC) Stapf. (holy grass) and *Ruta graveolens* L. (rue). Women in the studied community are the ones who have the most knowledge about the use of plants and their therapeutic applications, and they also transmit this knowledge to future generations through orality. Leaves are the most used parts in therapeutic formulations, consumed mainly in the form of teas. In this community, the feminine universe holds and transmits the knowledge about the use of plants for medicinal purposes, cultivated in medicinal family or collective backyards, constituting as spaces of experiences for the people of the place.

Keywords: Phytotherapeutics; Knowledge of tradition; Ethnobotany.

LISTA DE FIGURAS

PÁGINA

Figura 1 – Localização do município de Remígio no mapa do estado da Paraíba..... 17

Figura 2 A e B – Vista parcial da zona rural de Capim de Cheiro, município de Remígio – PB, 2018..... 20

LISTA DE TABELA

PÁGINA

Tabela 1- Principais plantas cultivadas e utilizadas nos quintais pelas famílias da zona rural do Capim de Cheiro, Município de Remígio – PB, 2018..... 24

SUMÁRIO

1 INTODUÇÃO.....	9
2 OBJETIVOS.....	11
2.1 Objetivo Geral	11
2.2 Objetivos Específicos	11
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
3.1 Os Quintais Medicinais	12
3.2 Etnobotânica – O Legado de Saberes e Práticas Culturais.....	13
4 METODOLOGIA.....	17
4.1 Local do Experimento	17
4.2 Tipo de Pesquisa.....	17
4.3 Identificação do Material Botânico	18
4.4 Valor de Importância	18
4.5 Critérios de Inclusão e Instrumento de Coleta de Dados.....	19
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	20
5.1 Localidade Capim de Cheiro	20
5.2 Aspectos Sociais.....	20
5.3 Etnoespécies e Formas de Uso	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais encontra-se ainda muito arraigado em comunidades rurais espalhadas por diversas partes do país. Muitos sítieiros fazem uso dessas espécies em busca da cura de doenças e mesmo no melhoramento das condições alimentícias, transmitindo assim um legado que se preserva entre várias famílias da zona rural, fazendo dos seus quintais uma espécie de “farmácia viva”. De acordo com BRITO e COELHO (2000), os quintais podem ser definidos como uma área de produção localizada perto de casa, onde são cultivadas espécies agrícolas, medicinais e florestais, podendo ocorrer a criação de pequenos animais domésticos.

Ferreira et al., (2009) também definiu os quintais medicinais como “pequena quinta” ou “pequeno terreno, muitas vezes com jardim ou com horta atrás da casa”, preconizando que:

Com isso, os quintais do nordeste brasileiro vêm contribuindo de forma bastante significativa para o cultivo de muitas plantas com fins medicinais”.

Deste modo, o quintal produtivo se constitui em um espaço de grande diversidade, de acesso fácil e cômodo, espaço de discussão e transmissão de saberes, em que se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais, alimentares, recursos energéticos, plantas medicinais além da criação de animais domésticos de pequeno porte (AMOROZO; GELY, 1988; LIMA; SARAGOUSSI, 2000; WINKLERPRINS, 2002), reduzindo sobremaneira a dependência por produtos externos e ampliando as categorias de uso das plantas entre os membros das comunidades.

Amoroso (2002), afirma que populações locais, em geral, possuem uma proximidade muito grande com o seu entorno, fato que decorre, dentre outros motivos, pela necessidade de explorar do meio recursos que serão utilizados para as mais variadas finalidades. Estas populações possuem geralmente um alto conhecimento sobre o ambiente.

Para Freitas et al., (2012) o homem utiliza as plantas como alternativa terapêutica valiosa, muitas vezes próprias de sua cultura. Este fator faz com que cada sociedade ou comunidade possua seu próprio sistema de classificação, crenças e métodos populares capazes de promover a cura dos próprios males.

Reviver tradições culturais por meio da análise do uso de plantas com potenciais medicinais é reviver a história do lugar, contada através dos atores sociais que constroem um legado importante para a manutenção de práticas culturais e transmissão de saberes as futuras gerações.

Neste contexto e considerando abordagens etnobotânicas, esta pesquisa buscou estudar os meios pelos quais moradores da zona rural do município de Remígio, localizado no Curimataú paraibano, mantem seus cultivos de plantas com finalidades terapêuticas em espaços conhecidos como quintais medicinais.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Avaliar costumes e práticas culturais associadas aos quintais medicinais, destacando o significado e uso de plantas utilizadas para fins terapêuticos e o legado dessa tradição na área rural do município de Remígio – PB.

2.2 Objetivos Específicos

Elencar as plantas utilizadas pelos atores sociais com finalidades terapêuticas, avaliando as formas de manejo das espécies cultivadas;

Associar plantas usadas para tratamento de doenças nas comunidades estudadas com as principais formas de manipulação;

Destacar os meios de transmissão de saberes tradicionais das práticas culturais do uso de plantas medicinais cultivadas em quintais pelas comunidades locais.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Os Quintais Medicinais

Desde a antiguidade a espécie humana esteve sempre ligada e dependente do universo vegetal e por meio de vivências e experiências aprendeu a retirar dele muito mais do que seu próprio sustento, utilizando-o também para finalidades medicinais, empíricas e simbólicas. Muitas comunidades conservam até hoje um grande conhecimento sobre o uso das plantas e a importância de se ter essas plantas inseridas em seus quintais. Esse conhecimento é adquirido e transmitido de geração a geração por muito tempo de uma forma simples e objetiva (ALBUQUERQUE, 2005; LORENZI; MATOS, 2008).

A tradição de cultivos de plantas especialmente com valor medicinal em pequenos quintais, como uma extensão da casa, oferecia uma comodidade para usos frequentes com finalidades terapêuticas, em conformidade com o que destaca Ferreira et al., (2009) que relata para o nordeste brasileiro importância significativa dos quintais no cultivo das ervas medicinais, construindo, segundo Freitas et al., (2012), sistemas próprios de classificação, crenças e métodos populares capazes de promover a cura dos males.

De acordo com Godoy (2004), os quintais são locais de experiências com plantas advindas de outras partes da propriedade, ou não, servindo como um espaço funcional de unidade produtiva. Para Amorozo (2002), os quintais contribuem na diversidade e variedade de vegetais, servindo como banco de germoplasma para os próximos cultivos. Assim, estudos sobre o conhecimento e uso dos recursos naturais pelas populações locais, bem como impactos de suas práticas sobre a biodiversidade, configuram-se como pesquisas relevantes ao entendimento das dinâmicas que norteiam os manejos tradicionais nas diversas categorias de usos das plantas (ALBUQUERQUE; ANDRADE 2002).

Amorozo (2007) avalia às áreas de cultivo domiciliar como ambientes de extrema importância não só para a manutenção das tradições locais como também para a segurança alimentar global. Isto se deve tanto ao fato de oferecer certa autonomia ao

agricultor, quanto por se constituir em uma rica fonte de germoplasma para o desenvolvimento de novos híbridos à agricultura de larga escala.

Os quintais produtivos caracterizam-se por ser um espaço importante para a propagação de conhecimentos e valores, principalmente na produção de alimentos que enriquece a vida dos moradores. De acordo com Nunes et al., (1994) o quintal é o espaço em que o ser humano desenvolve as primeiras relações com o ambiente, aprendendo assim a conviver com a diversidade ali existente, o manejo realizado nos quintais é bastante simples, por se caracterizar pela mão de obra dos familiares.

Para Pasa et al., (2005) o quintal é um sistema de produção complementar a outras formas de uso da terra e se destaca pelo valor econômico que desempenha na residência, constituindo fonte disponível de recursos alimentícios e medicinais.

3.2 Etnobotânica – O Legado de Saberes e Práticas Culturais

Xamãs, curandeiros, rezadores, benzedeiros, raizeiros, pajés, ervateiros, entre outros compõem um universo de atores sociais que contribuíram sobremaneira para o legado da utilização de plantas nas mais diversas categorias de uso. A vegetação é a identidade de uma população, já que por meio dela as pessoas refletem o que pensam e o que são, estabelecendo um vínculo com o meio a sua volta (MEDEIROS; FONSECA; ANDREATA, 2004)

Posey (1987) diz que se cria a necessidade de uma visão interdisciplinar que relacione os mundos natural, simbólico e social estabelecidos por diferentes culturas, para o estudo da etnobiologia, bem como de seus ramos.

Autores como Albuquerque; Lucena (2004); Begossi; Hanazaki; Silvano (2002) compreendem pesquisas na área de etnociência como fontes capazes de esclarecer o papel da natureza sob os olhares das populações locais, dos atores sociais, dentro de um sistema de crenças e adaptações do homem com o meio.

Neste contexto, a etnobotânica surge como campo interdisciplinar que compreende o estudo e a interpretação do conhecimento, significação cultural, manejo e usos tradicionais da flora. Além do saber etnobotânico contribuir para o conhecimento científico das espécies vegetais, seu estudo deve ter como foco, também, a reversão do

conhecimento fornecido pelos informantes para sua própria comunidade. Sendo assim, a etnobotânica não serve apenas como ferramenta para resgatar o conhecimento tradicional, mas também é importante no resgate dos próprios valores das culturas com as quais entram em contato (CABALLERO, 1979; ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2010; DELWING et al., 2007).

De acordo com Beck; Ortiz (1997), pesquisas etnobotânicas facilitam a determinação de práticas apropriadas do manejo da vegetação, pois empregam os conhecimentos tradicionais obtidos para fins conservacionistas. A etnobotânica pode servir como auxílio na identificação de práticas adequadas ao manejo da vegetação, a valorização e a vivência das sociedades humanas locais, podem embasar estudos sobre o uso adequado da biodiversidade, incentivando, não apenas o levantamento das espécies, como também contribuindo para sua conservação (FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004).

Para Maciel et. al., (2002), as observações populares sobre a utilização e a eficácia de plantas medicinais contribuem de forma relevante para o conhecimento das funções terapêuticas dos vegetais prescritos, revelando também os efeitos medicinais desencadeados pelo uso das plantas, apesar de muitas vezes não terem sequer constituintes químicos conhecidos.

As últimas décadas deste século registram uma acentuada revalorização mundial do uso de plantas medicinais, fenômeno que pode ser explicado pela crescente aceitação do consumidor por medicamentos produzidos a partir de plantas e pelo renovado interesse da indústria farmacêutica na busca de compostos naturais que possuem atividade farmacológica. Hoje em dia se pode encontrar no seio dos povos praticantes dessa medicina popular, sendo este o primeiro estágio da fitoterapia (SIMÕES; LINO 2002).

Tal fato pode ser justificado, entre outros fatores, pela falta de assistência médica, para as comunidades mais carentes e distantes dos centros urbanos, que vão em busca de alternativas nas preparações caseiras (chás, lambedores, garrafadas, etc) ou por já serem adeptos a esta medicina natural ou simplesmente por não terem condições financeiras de buscarem tratamentos médicos alopáticos. Segundo Barbosa (2004) o uso de produtos vegetais oriundos do cultivo doméstico pode ser significativo para a

economia familiar. Tais produtos geram uma base material, passível de doação, troca, comercialização ou até mesmo diminuição dos gastos de subsistência.

Nogueira (2005), fala que entre os praticantes da medicina popular estão os raizeiros, que segundo ele, são aqueles que lidam especificamente com ervas medicinais, sabendo como prepara-las e usa-las para curar doenças diversas. Entre os medicamentos preparados pelos raizeiros destacam-se as garrafadas (muito comuns nas regiões Norte e Nordeste do país), definidas por Camargo (1985) como sendo uma combinação de plantas medicinais, cujo solvente utilizado é geralmente aguardente ou vinho branco e raramente água, onde podem ser também acrescentados elementos de origem animal ou mineral.

Em conformidade com estudos de Mengue et al., (2001) o surgimento do conceito “natural”, em muito contribuiu para o aumento do uso das plantas medicinais nas últimas décadas. Para muitos, esse conceito significa a “ausência de produtos químicos”, que são aqueles que podem causar algum dano ou de outra forma representam perigo. Assim, produtos naturais passaram a ser sinônimo de produtos saudáveis, seguros e benéficos. Esse conceito é extremamente equivocado, já que as plantas foram e são as fornecedoras dos grandes venenos da história da humanidade e o conhecimento da potencial toxicidade remota à antiguidade.

A sabedoria popular carece de sistematização e utilização correta, visto que o grande uso de fitoterápicos e o próprio conhecimento popular trazem consigo a necessidade de pesquisas para o esclarecimento e confirmação de informações sobre as ações das plantas, visando a minimização de efeitos colaterais e toxicológicos, propiciando um uso confiável e seguro (FIRMO et al., 2011).

Muitas plantas contêm substâncias capazes de exercer ação tóxica sobre os organismos vivos. É preciso, portanto, ressaltar que várias plantas medicinais são completamente desconhecidas quanto ao potencial tóxico e que além do vegetal em si, são necessários outros parâmetros para a segurança do uso de plantas medicinais. Mesmo assim, o uso de plantas medicinais e seus derivados por grupos mais vulneráveis como crianças, gestantes e idosos, muitas vezes é apoiado em propagandas que prometem benefícios seguros com uso de fitoterápicos (SCHENKEL et al., 2000).

A crença na “naturalidade inócua” dos fitoterápicos e plantas medicinais não é facilmente contradita, pois as evidências científicas de ocorrência de intoxicações e efeitos colaterais relacionados com o uso de plantas medicinais, consistem em informações que dificilmente chegam ao alcance dos usuários atendidos nos serviços de saúde pública, os quais são caracterizados como indivíduos de baixa escolaridade e acervo cultural (SILVA, 2003).

O que é importante de fato é compreender que o uso de plantas medicinais deve ser monitorado, as preparações de fitoterápicos precisam ter seus usos corretos, de modo que, os efeitos tragam um real benefício aqueles que fazem uso destes medicamentos.

4 METODOLOGIA

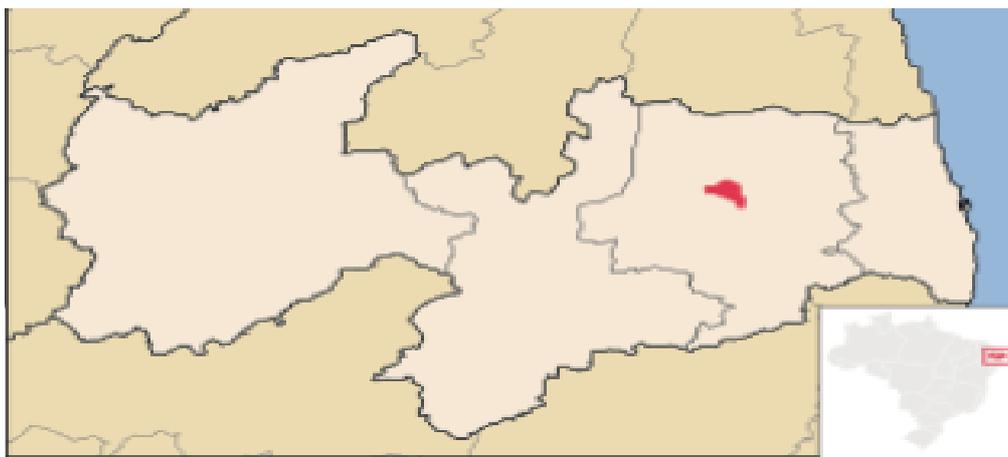
4.1 Local do Experimento

O estudo foi realizado no período de abril a junho de 2018, na zona rural do Capim de Cheiro, município de Remígio, cujas coordenadas geográficas são: 6° 53' 30" Sul, 35° 49' 51" Oeste, localizado na mesorregião do Agreste Paraibano e microrregião do Curimataú Ocidental, estado da Paraíba, (Figura 1). Sua população em 2011 foi estimada pelo IBGE em 17. 582 habitantes, distribuídos em 178 Km² de área. A densidade demográfica é de 98,8 habitantes por km² no território do município.

Vizinho dos municípios de Casserengue, Esperança e Algodão de Jandaíra, Remígio se situa a 15 km ao Norte-Leste de Esperança a maior cidade nos arredores.

A localidade onde foram realizadas as coletas dos dados é denominada Sítio Capim de Cheiro.

Figura 1 – Localização do município de Remígio no mapa do estado da Paraíba



Fonte: <https://www.google.com>

4.2 Tipo de Pesquisa

A pesquisa é de cunho qualitativo evidenciando valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões (MINAYO; SANCHES, 1993). Caracterizando-se ainda como um estudo exploratório, descritivo, de caráter transversal. É exploratório, proporcionando maior familiaridade com o problema, descrevendo características de um determinado grupo da população ou fenômeno, utilizando, para tanto, associações entre

variáveis em determinado recorte temporal para os atores sociais pesquisados, (GIL, 2008).

A busca pelo contato dos atores sociais entrevistados deu-se inicialmente pelas organizações das comunidades locais, utilizando a técnica de entrevistas livres ou abertas. Tal técnica de acordo com Mourão e Nordi (2006), propicia um diálogo espontâneo entre entrevistador e entrevistados (ALBUQUERQUE; SILVA, 2004). Os diálogos iniciais reportam um pouco para a história de vida desses informantes, que vivem em áreas rurais do município de Remígio – PB, exercendo entre outras funções, a lida com a terra, em cultivos de subsistência e de plantas de uso medicinal. Posteriormente, foi aplicado um questionário semiestruturado (Apêndice A), com dados sociais dos atores e abordagens mais diretas sobre o uso de plantas medicinais em quintais medicinais ou espaços coletivos de cultivo de plantas para fins medicamentosos.

4.3 Identificação do Material Botânico

O material botânico foi identificado com base em bibliografia especializada (APG II, 2003) e auxílio de especialista em taxonomia do Departamento de Biologia, professor José Iranildo Miranda de Melo.

4.4 Valor de Importância

Através dos dados apresentados, avaliou-se o Valor de Importância das plantas citadas, segundo Albuquerque & Lucena (2004) em que o Valor de Importância (IVs) mede a proporção de informantes que citaram uma espécie como mais importante. Os valores variam de 0 a 1. O Valor de Importância foi calculado pela fórmula:

$$IVs = nis/n$$

onde, nis = número de informantes que consideraram a espécie s mais importante e n= total de informantes. Considerou-se, como critério de seleção de importância, o maior número de citações para a espécie vegetal, pelos especialistas. Assim, baseado no número de vezes em que a espécie foi citada calculou-se, para cada uma delas, o Valor de Importância correspondente.

4.5 Critérios de Inclusão e Instrumento de Coleta de Dados

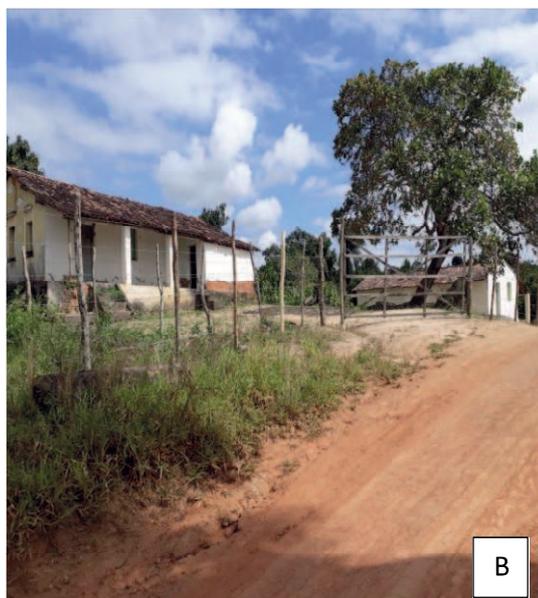
Para que pudessem participar da pesquisa os atores sociais deveriam ser maiores de 18 anos, serem moradores da zona rural do município de Remígio, residirem em sítios ou pequenas comunidades coletivas (sítios onde residem duas ou mais famílias). Adotou-se também como critério, em ordem de importância, a presença no núcleo familiar, de um espaço denominado pela família de quintal; o interesse do agricultor (a) desse espaço em participar do estudo; e o tempo disponível dessas pessoas. Através das visitas foram realizados diálogos iniciais e posteriormente aplicados os questionários semiestruturados, constituído por seis perguntas objetivas e subjetivas, referentes ao conhecimento das plantas medicinais cultivadas em seus próprios quintais.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Localidade Capim de Cheiro

A localidade Capim de Cheiro fica a 4 Km do município de Remígio – PB, constituindo-se uma área de zona rural, onde reside sítiantes que vivem principalmente da agricultura de subsistência (Figura 2A e 2B). O local abriga aproximadamente 15 famílias, todas de baixa renda, muitas vivem do que cultivam, é um lugar tranquilo e bastante produtivo.

Figura 2 A e B – Vista parcial da zona rural de Capim de Cheiro, município de Remígio – PB, 2018.



5.2 Aspectos Sociais

Neste estudo foram entrevistadas 12 famílias, residentes locais, proprietários das terras e com a maioria vivendo da agricultura de subsistência. Observou-se durante as visitas e entrevistas um maior número de mulheres nas residências (75%) e 25% de homens, tal realidade pode ser explicada pelo fato das mulheres encontrarem-se mais em seus domicílios, com afazeres domésticos e cuidado com as crianças, durante o período da manhã, momento de ocorrência das entrevistas. Dados semelhantes aos aqui

apresentados foram registrados por Freitas et al., (2012) em pesquisa realizada com moradores do Sítio Santa Cruz, zona rural do município de São Miguel – RN, que encontrou 90% dos entrevistados mulheres e apenas 10% de homens, os autores atribuem a predominância de mulheres nas atividades realizadas nos quintais, entre outros aspectos, ao fato dos quintais serem considerados uma extensão do serviço doméstico.

A utilização de plantas para fins terapêuticos é também uma expressão do universo feminino, muito em função dos afazeres domésticos, mas também pela dificuldade de buscar por outras formas de terapias, quando estas comunidades se encontram distantes dos centros urbanos, como discutido por Pinto e colaboradores (2006), em estudo realizado com comunidades rurais no município de Itararé – BA. A manutenção de espaços para cultivos de plantas medicinais é importante nestas comunidades, mais tradicionais e mais voltadas a valores culturais, crenças e importância das práticas para a história do lugar.

A pesquisa ora apresentada revelou ainda que as mulheres demonstraram ter mais contato com o uso das plantas medicinais, e maior conhecimento sobre a utilização das mesmas, preservando assim em seus quintais uma fonte inacabável de saberes acerca desses quintais medicinais e a saúde, ajudando de alguma forma, transmitindo seus conhecimento e experiências de vida para as demais.

No período desta pesquisa ficou evidente que o uso de plantas medicinais no espaço residencial é predominantemente de mulheres, idosas (acima de 70 anos) e de baixa renda, considerando que as mesmas vivem mais em casa/domicílio que os homens. Durante as visitas, ficou claro um grande conhecimento do uso de plantas medicinais entre as mulheres entrevistadas. Ao serem questionados sobre as formas de apreensão dos saberes, os entrevistados informaram que todo conhecimento é predominantemente transmitido por comunicação oral entre pais e avós para as gerações futuras.

Segundo Medeiros et al., (2004) a transmissão oral do conhecimento sobre o uso de plantas por sociedades humanas é praticada há gerações. Este padrão de transmissão oral e dominância feminina sobre o conhecimento de uso das plantas medicinais se repete em vários levantamentos etnobotânicos. Calábria et al., (2008) Fonseca Kruehl; Peixoto (2004); Viu et al.; (2010); Marchese et al.; (2009), confirmando o importante papel da mulher na transmissão oral desse conhecimento.

A faixa etária dos entrevistados variou entre 25 e 78 anos, a utilização mais frequente das plantas medicinais se deu entre os idosos com idade acima dos 70 anos. O uso mais frequente de plantas para fins terapêuticos entre idosos na localidade Capim de Cheiro, revela um pouco o distanciamento dos moradores mais jovens para com estas práticas.

Ainda no que diz respeito a faixa de idade dos entrevistados os resultados ora expressos são semelhantes aqueles apresentados por Carniello et al., (2010) que estudou quintais urbanos da cidade de Mirassol D'Oeste em Mato Grosso e encontrou uma população com 90% dos entrevistados acima de 45 anos de idade, a pesquisa acima encontrou também um baixo nível de escolaridade entre os entrevistados, dados que são corroborados pelos resultados da pesquisa na zona rural de Remígio – PB, revelando um perfil semelhante entre estes estudos. Novamente, considerando o parâmetro faixa etária os dados desta pesquisa corroboram estudos anteriores realizados por Freitas et al., (2012), que encontraram uma faixa etária variando entre 23 e 80 anos de idade.

Segundo Macedo et al., (2007), o conhecimento tradicional sobre o uso das plantas é vasto e, em muitos casos, é o único recurso para o tratamento da saúde que as populações rurais de países em desenvolvimento tem ao seu alcance. Os moradores da região utilizam as plantas por conhecimento popular, passado de geração a geração pelos seus antepassados. Todos os entrevistados, nesta pesquisa, disseram que não faziam uso econômico com o cultivo desses quintais medicinais, destinando o cultivo e produção apenas para os familiares e vizinhos.

Tais resultados evidenciam que os saberes da tradição podem até serem percebidos entre os mais jovens nas comunidades avaliadas, mas é entre os mais idosos que estes saberes vão se legitimar e transmitir, a sabedoria atribuída aos mais velhos, entre as comunidades tradicionais, parece vir acompanhada da apropriação do conhecimento e valor cultural que é legado as gerações.

5.3 Etnoespécies e Formas de Uso

Encontram-se expressos na Tabela 1 os resultados das entrevistas com os atores sociais sobre as plantas medicinais cultivadas em seus quintais e as mais utilizadas em suas formulações terapêuticas. De acordo com os dados apresentados na tabela pode-se

observar que as famílias entrevistadas evocaram oito plantas entre as mais usadas pela comunidade, sendo elas: erva – cidreira, capim-santo, arruda, hortelã da folha miúda e a hortelã da folha grossa como as mais utilizadas, seguidas de sabugueiro, romã e alecrim.

Os levantamentos etnobotânicos na comunidade Capim de Cheiro revelaram a ocorrência de 24 famílias botânicas pertencentes a 28 espécies vegetais. *Lippia alba* foi a espécie com maior número de citações, seguida da espécie *Cymbopogon citratus* e *Ruta graveolens*. *L. alba* e *C. citratus* apresentaram ainda maiores índices de valor de importância para este estudo, (Tabela 1).

Levantamentos etnobotânicos realizados por Vásquez et al., (2014) em comunidades ribeirinhas do município de Manacapuru no Amazonas destacam as espécies *Lippia alba* e *Ruta graveolens* como as mais citadas pelas famílias entrevistadas. As espécies *L. alba* e *R. graveolens* apresentam também semelhanças em seus usos pelas comunidades no Amazonas e Paraíba, estes vegetais são indicados respectivamente como calmantes, sedativo, estados febris e dores e febres em geral, revelando um saber partilhado mesmo em comunidades distantes.

As principais indicações de uso de plantas medicinais apontadas nesta pesquisa são para os tratamentos de doenças dos tratos digestório e respiratório, com destaque também para afecções do sistema nervoso, resultados semelhantes foram observados em outras pesquisas desenvolvidas por Calábria, et al., 2008 e Carniello, et al., 2010. Afecções dos sistemas digestório, respiratório cardiovascular e nervoso são as mais representativas do quadro nosológico no Brasil (ANTUNES, 2016; BUSS, 2007).

Tabela 1- Principais plantas cultivadas e utilizadas nos quintais pelas famílias da zona rural do Capim de Cheiro, Município de Remígio – PB, 2018.

Nome Popular	Família	Espécie	Nº de Usuários	IVI	Indicação	Parte Utilizada
Acerola	Malpighiaceae	<i>Malpighia emarginata</i> DC.	4	0,33	Fonte de vitamina C	Frutos
Alecrim	Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	5	0,42	Ação cicatrizante	Folhas/ flores
Amora	Rosaceae	<i>Rubus sellowii</i> Cham. & Schtdl.	1	0,08	Dores de cabeça e doenças dos rins	Flor / Fruto
Arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	6	0,50	Inflamações, febre, dor de ouvido.	Folhas /raízes
Babosa	Asphodelaceae	<i>Aloe vera</i> L.	2	0,20	Ferimentos, queimaduras da pele	Folhas
Capim santo	Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	8	0,66	Alívio de cólicas e tratamento de nervos.	Folhas
Cajueiro	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	4	0,33	. Anti-inflamatória e antiglicêmica	Folha/casca
Cidreira	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.Br.	9	0,75	Calmante, analgésico, sedativo.	Folhas/ Frutos
Couve – flor	Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> L.	1	0,08	Fonte de proteínas, ferro	Folhas
Cumaru	Anacardiaceae	<i>Amburana cearensis</i> A.C. Sm.	1	0,08	Melhora a respiração, tosse, gripe e asma.	Casca/ sementes
Erva doce	Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> L.	4	0,33	Calmante, digestivo e lactação.	Folha/flores/
Fedegoso	Boraginaceae	<i>Heliotropium elongatum</i> (Lehm.) I.M. Johnst.	2	0,20	Diurético, doenças dos pulmões.	Folhas/fruto
Goiaba	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	4	0,33	Diarreia e inflamações da boca garganta	Folhas/fruto
Graviola	Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L.	4	0,33	Prisão de ventre, obesidade.	Folhas
Hortelã da folha grossa	Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	6	0,5	Ação antibacteriana e expectorante	Folhas
Hortelã da folha miúda	Lamiaceae	<i>Mentha piperita</i> L.	6	0,5	Diarreia, vermes (ameba/giárdia)	Folhas
Louro	Lauraceae	<i>Laurus nobilis</i> L.	2	0,20	Alivia a má digestão	Folhas
Malva rosa	Geraniaceae	<i>Geranium erodifolium</i> L.	3	0,25	Problemas intestinais e cansaço	Folhas
Mastruz	Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambosioides</i> L.	3	0,25	Doenças pulmonares e estomacais	Folhas
Noni	Rubiaceae	<i>Morinda citrifolia</i> L.	2	0,20	Tosse, doenças do fígado	Folha/fruto
Oliveira	Oleaceae	<i>Olea europaea</i> L.	1	0,08	Hipertensão, colesterol, diabetes	Folhas
Pata de vaca	Fabaceae	<i>Bauhinia variegata</i> L.	2	0,20	Diabetes	Folhas
Pião roxo	Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	1	0,08	Banhos de descarrego	Folhas

Pitanga	Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	3	0,25	Pressão arterial	Folhas
Quebra pedra	Euphorbiaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	2	0,20	Cálculos renais e reumatismo	Folhas
Romã	Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	5	0,42	Dor de garganta e rouquidão	Folha/ casca/frutos
Sabugueiro	Viburnaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlttdl.	5	0,42	Artrites, cálculos renais	Folha/fruto
Tamarindo	Fabaceae	<i>Tamarindus indica</i> L.	3	0,25	Antioxidante e anti-inflamatório	Folhas/fruto

Outra etnoespécie bastante citada pelos sítiantes da localidade Capim de Cheiro foi *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim), usado como cicatrizante. Freitas et al., (2012) também refere *R. officinalis* como uma das espécies mais citadas em seu estudo sobre o uso de plantas, em pesquisa realizada em quintais do município de São Miguel – RN, contudo as indicações terapêuticas apresentadas pela comunidade diferem daquelas evidenciadas neste estudo.

Nas preparações para fins fitoterápicos a folha é a parte da planta mais citada e o chá a preparação mais comum no tratamento das doenças da comunidade, resultados corroborados pelas pesquisas de Vásquez et al., (2014) e Freitas et al., (2015). Outras formas de preparo citadas pela comunidade foram sucos e lambedores.

Destaca-se aqui também as espécies *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng. (hortelã da folha grossa), bastante utilizada na forma de lambedor nas afecções do trato respiratório e *Mentha piperita* L. (hortelã da folha miúda), usada no tratamento de amebíase e verminoses. Os quintais são espaços de convivência importantes para os moradores da localidade, e as mulheres são em grande parte dos casos as responsáveis pelos cuidados do ambiente, influenciando na escolha das plantas cultivadas, nas formas de preparação e cultivo das plantas no lugar.

Vale ressaltar ainda o registro da espécie *Jatropha gossypifolia* L. (pinhão roxo), citada para uso em banhos de descarrego, ou seja, uma forma de utilização mais voltada ao uso místico e religioso da planta, conforme observado em Oliveira et al., (2009), em que a espécie *J. gossypifolia* apresenta alto valor de importância em rituais de benzeduras por rezadeiras em municípios do estado da Paraíba.

O desenvolvimento dessa pesquisa etnobotânica em quintais medicinais da zona rural do Capim de Cheiro, município de Remígio com enorme expressão da agricultura

familiar e um vasto conhecimento, é de extrema importância. Este trabalho traz a valorização, o resgate e a preservação desse conhecimento sobre as formas de uso assim como também o manejo das plantas medicinais que foram, ao longo do tempo acumulados pelas gerações.

Ficou bastante evidente que os quintais são espaços de grande importância para os residentes da localidade, principalmente as mulheres que na maioria dos casos são as responsáveis pela manutenção do ambiente, influenciando diretamente na escolha das plantas cultivadas na zona rural, assim como as formas de uso e manejo, que foram ao longo do tempo, passadas de geração a geração pelos moradores da região.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quintais são sistemas que atuam como um meio mais sustentável dos recursos medicinais por conservarem também as espécies nativas. Diante dos resultados apresentados na pesquisa, vimos a importância dos conhecimentos e da utilização desses quintais medicinais, além disso, o saber popular mostrado pelas famílias evidencia que a fitoterapia é um foco de interesse da população.

Com isso foi identificado um enorme conhecimento ao uso de plantas medicinais entre as mulheres entrevistadas, sendo que este foi adquirido de forma oral através de pais e avós.

As plantas medicinais utilizadas são em grande parte cultivadas em seus quintais, sendo as folhas a parte mais utilizada nas preparações medicamentosas, e o chá é a principal forma de preparo usado por eles.

Baseado nesse conhecimento empírico adquirido pelos sítieiros que vem do contato com a vegetação ao longo dos anos, vimos que muitas das vezes esse conhecimento se restringe principalmente às pessoas mais idosas.

A riqueza de espécies vegetais encontradas nos quintais, assim como os relatos dos participantes em relação aos cuidados, usos e significados das espécies vegetais revelaram a importância destes quintais para esses moradores do sítio Capim de Cheiro.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à Etnobotânica**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. 120p.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciência**, v. 27, n. 7, 2002.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. de (Org). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Livro Rápido / NUPEEA, 2004. 189p.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L.V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. 3^a ed. Recife: NUPEEA, 2010. p. 39-64.
- AMOROSO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio de Leverger, MT, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, v. 16, n. 2, p. 189 -203, 2002.
- AMOROSO, M. C. M. **Sistemas agrícolas tradicionais e a conservação da agrobiodiversidade**. 2007.
- AMOROSO, M. C. M.; GELY, A. L. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, **Emílio Goeldi** (Serie Botânica) v. 4, n. 1, p. 47-131. 1988.
- ANTUNES, A. **Doenças e populações negligenciadas**. EPSJV/FIOCRUZ.2016. Disponível em <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/tag/doencas-negligenciadas>. Acesso em 14/11/2018.
- APGII (Angiosperm Phylogeny Group). An Update of the Angiosperm Phylogeny Group Classification for the Orders and Families of Flowering Plants. London: **Biological Journal Linnean Society**, v. 141; p. 399-436, 2003.
- BARBOSA, J. M. **Análise etnobotânica de plantas medicinais em comunidades do Município de Uberlândia, MG**. 2004. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade de Uberlândia, 2004. 35p.
- BECK, H. T.; ORTIZ, A. Proyecto etnobotánico de la comunidade Awá em el Ecuador. In. M.Rios e H. B.Pedersen (Eds). **Uso y Manejo de Recursos Vegetales**. Memorias del II Simposio Ecuatoriano de Etnobotânica y Botânica Econômica, Quito, 1997. p. 159-176.
- BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N; SILVANO, R. A. M. Ecologia Humana, Etnoecologia e conservação. In: AMOROSO, M. C. M.; MING. L. C.; SILVA, S. P. (Ed). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP. 2002.

BRITO, M. A.; COELHO, M. F. B. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais unidades autosustentáveis. **Revista Agricultura Tropical**, Cuiabá- MT, v. 1, n. 4, p. 7-38, 2000.

BUSS, P. M. Globalização, pobreza e saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n. 6, p. 1575 – 1589, 2007.

CABALLERO, J. La Etnobotânica. In: A. Barrera (Ed). **La Etnobotânica: três pontos de vista y uma perspectiva**. Xalapa: INIREB. 1979.

CALÁBRIA, L.; CUBA, G. T.; HWANG, S. M.; MARRA, J. C. F.; MENDONÇA, M. F.; NASCIMENTO, R. C.; OLIVEIRA, M. R.; PORTO, J. P. M.; SANTOS, D. F.; SILVA, B. L.; SOARES, T. F.; XAVIER, E. M.; DAMASCENO, A. A.; MILANI, J. F.; RESENDE, C. A. A. BARBOSA, A. A. A.; CANABRAVA, H. A. N. Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em Indianópolis, Minas Gerais, Brasil, **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 10, n. 1, p. 49-63, 2008.

CAMARGO, M. T. L. A. **Medicina popular**. São Paulo: ALMED. 1985.

CARNIELLO, M. A.; SILVA, R. S.; CRUZ, M. A. B.; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazonica**, v. 40, n. 3, p. 451-470, 2010.

DELWING, A. B. et al. Etnobotânica como ferramenta da validação do conhecimento tradicional: Manutenção e resgate dos recursos genéticos. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007.

DIAS N. M. **Mulheres: sanitaristas de pés descalços**. São Paulo: Hucitec; 1991.

FERREIRA, F. S.; BRITO S. V.; RIBEIRO, S. C.; SARAIVA, A. A. F.; ALMEIDA, W. O.; ALVES, R. R. N. Animal. Based folk remedies sold in public markets in Crato and Juazeiro do Norte, Ceará, Brazil. **BMC Complement Altern Med**, v. 9, n. 17, 2009.

FIRMO, W. C. A. et al. Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais. **Cadernos de Pesquisa**, Luís, v.18, n. especial, dez. 2004.

FONSECA-KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L. Etonobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasileira**, v.18, n.1, p.177-190, mar.2004.

FREITAS, A. V. L. et al. Plantas medicinais um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociência**, v. 10, n. 1, p. 48-59, 2012.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; PEREIRA, Y. B.; FREITAS – NETO, E. C.; AZEVEDO, R. A. B. Diversidade e usos de plantas medicinais em quintais da comunidade de São João de Várzea em Mossoró, RN. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 17, n. 4, p. 845-856, 2015.

GODOY, D. P. **Estrutura e função dos quintais de unidades de produção das comunidades Nossa Senhora da Guia e Santana, Cáceres –MT. Cuiabá-MT.** 2004-111f. Dissertação (Mestrado em Agricultura Tropical) – Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Cuiabá, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4^a ed. São Paulo: ATLAS, 2008.

LORENZI, H.; MATOS, J. F. A. **Plantas medicinais no Brasil: Nativas e Exóticas.** Instituto Plantarum, São Paulo, 2008.

LORENZI, H.; MATOS, J. F. A. **Plantas medicinais no Brasil: Nativas e Exóticas.** Nova Odessa: Plantarum, 2002. 572p.

LIMA, R. M. B.; SARAGOUSSI, M. Floodplain home gardens on the Central Amazon in Brasil. In: JUNK, W.J. et al. (Eds). **The Central Amazon floodplain: actual use and options for a sustainable management,** Leiden: Backhuys, p. 243-268, 2000.

MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA, J. R. V. F. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares – **Química Nova**, v. 2, n. 3, p. 429-438.

MACEDO A. F.; OSHIWA, M.; GUARIDO, C. F. Ocorrência do uso de plantas medicinais por moradores de um bairro do município de Marília – SP. **Revista de Ciência Farmacêutica Básica Aplicada**, v. 28, n. 1, p. 123-8, 2007.

MARCHESE, J. A.; MING, L. C.; FRANCESCHI L.; CAMOCHENA, R. C.; GOMES, G. D. R.; PALADINI, M. V.; CAPELIM, D.; MARCHESE, C. F. Medicinal plants used by “Passo da Ilha” rural community in the city of Pato Branco, southern Brazil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 81, n. 4, p. 691-700, 2009.

MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V. S.; ANDREATA, R. H. P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítios da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 2, p. 391-399, 2004.

MENGUE, S. S., MENTZ, L. A.; SCHENKEL, E. P. Uso de plantas medicinais na gravidez. In: Sanseverino, V. T. M.; Spreitzer, T. D.; Schuler-Faccini L. **Manual de Teratogenese.** Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, p. 423-447 2001.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo – Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, Jul/set, 1993.

MOURÃO, J. S.; NORDI, N. Pescadores, peixes, espaço e tempo: uma abordagem etnoecológica. **Interciência**, Caracas, v.3, n. 1, n. 5, p. 358-364, 2006.

NOGUEIRA, A. J. **Medicina Popular.** Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal. 2005.

OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 7, n. 3, p. 245-251, 2009.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, D. (Ed). **Suma Etnológica Brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes/ FINEP, 1987.p. 15-28.

PINTO E. P. P.; AMOROSO, M. C. M.; FURTAN A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itararé, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 4, p. 751-62. 2006.

NUNES N. **Ciência e trópico**. Recife: Ed. Massangana, 1994, 383p.

PASA M. C.; SOARES, J. N.; GUARIM-NETO G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição – Açu. **Acta Botanica Brasilica**, v. 17, n. 19, p. 195-207, 2005.

PRANCE, G. T. **Etnobotânica de algumas tribos amazônicas**. 2ª ed. Petrópolis, 1987.

SCHENKEL E. P.; ZANNIN. M.; MENTZ L.A. **Plantas tóxicas**. Farmacognosia: da planta ao medicamento. 2ed. Porto Alegre. Disponível < [www. Sbfgnosia.org.br](http://www.Sbfgnosia.org.br) >2000.

SIMÕES, L. L.; LINO, C. F. **Sustentável Mata Atlântica**: a exploração de seus recursos florestais. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002. 215p.

SILVA, M. I. G. **Utilização de fitoterápicos nas unidades básicas de saúde da família (UBSF) no município de Maracanaú – CE**. Fortaleza, 144p. Dissertação Mestrado – Faculdade de Farmácia, Odontologia e enfermagem, Universidade Federal do Ceará. 2003.

WINKLERPRINS, A. M. G. A. House – lot gardens in Santarem,- Pará, Brazil: linking rural with urban. **Urban Ecosystems**, v. 6, p. 43-65, 2002.

VÁSQUEZ, S. P. F.; MENDONÇA, M. S.; NODA, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do município de Manacapuru, Amazonas – Brasil. **Acta Amazonica**, v. 44, n. 4, p. 457-472, 2014.

VIU, A. F. M.; VIU, M. A. O.; CAMPOS, L. Z. O. Etnobotânica: uma questão de gênero? **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 5, n. 1, p. 136-147, 2010.